

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 30 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 187	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3800	1800	600	200	1 DE MARÇO 1884	LISBOA, RUA DO LOBETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas (idem)	4800	2400	800	267		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios)	5800	2800	933	311		

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabou-se o entrudo.

O mesmo de todos os annos: a mesma semsaboria nas ruas, nos bailes e nos jornaes.

Eu não sei se o carnaval de Lisboa era d'antes muito mais divertido, mas creio piamente que não: o que era, era mais brutal. Não havia mais espirito do que hoje, estou bem certo, havia mais cabeças quebradas, mais olhos vasados.

E parece que isso divertia immenso os nossos avós, e que no fim de contas, o carnaval sem brutalidades não presta para nada, do que se tira a conclusão de que, quanto mais elle presta peor é.

A moda acabou com os ovos de gemma, que pintavam de amarello as frontarias dos predios, faziam em estilhaços os espelhos das salas, e raptavam nos tres dias de carnaval, uma quantidade enorme de meninas... dos olhos.

A moda acabou com os cocos velhos, que as familias economicas e divertidas capitalisavam durante o anno inteiro, para n'esses tres dias de folgança despejarem nas cabeças das pessoas mais queridas das suas relações.

A moda acabou com os pés de sapatos com que no tempo das mascaras se mascaravam as visitas, acabou com os diversos engredientes mais ou menos limpos — sempre menos — com que se fomentavam as argolas das portas, os corremãos das escadas; acabou com as laranjas de areia, que amachuavam os queixos dos transeuntes, e com as luvas que amachuavam os chapéus, acabou com tudo isso, e acabando, acabou com o carnaval, o que prova que tirar-lhe essas brutalidades todas, é o mesmo que tirar a agua ao peixe, ou o sol ás flores.

A industria actual inventou as *bisnagas* para substituir todas essas brincadeiras de entrudo, fallecidas, e compensou largamente a diminuição de brutalidade pelo augmento de preço.

Effectivamente, dados os brinquedos actuaes, o entrudo sae carissimo para quem brinca — uma bisnaga das maiores molha pouco, diverte menos ainda e custa por ahí os seus cinco tostões.

Façam por aqui um pequeno orçamento de uma noite de folgança carnavalesca, e terão a explicação do motivo porque o numero dos que brincam o



A INSTRUÇÃO — ESCULPTURA DE ALBERTO NUNES, EXECUTADA PARA O HOSPICIO PORTUGUEZ DE CARIDADE, NO RIO DE JANEIRO

entrudo, diminuiu sensivelmente, n'estes ultimos annos.

Depois a policia concorreu muito para o assassinato do carnaval. Empenhou-se em dar cabo d'elle, com um ardor que nós lhe louvamos, lamentando apenas, que não empregue egual energia em dar cabo dos gatunos.

Quem for apanhado a atirar pós, ou ovos, na rua, é levado para o calabouço do governo civil, de onde não poderá sair senão passado o carnaval, o que quer dizer, que corre muito menos risco em Lisboa quem rouba um relógio ou dá uma facada, do que quem empôa um sujeito, ou faz uma gemmada no tecto de uma carruagem.

Ora assim, tendo a capellista a tirar-lhe rios de dinheiro, por pequenas gottas de agua de mau cheiro, e do outro, o escrivão da Boa Hora a exigir-lhe oceanos de tostões, por ter usado d'essas bisnagas, e em frente os calabouços do governo civil a estender-lhe os braços envovallados, o cidadão portuguez, que ordinariamente é, por indole prudente e por necessidade pelintra, não brinca o entrudo, e para se dar *contentance*, acha o carnaval insipido, e faz phrases sobre o seu obito.

Isto emquanto a divertimentos da rua: emquanto a bailes publicos, a causa da sua decadencia é outra. É de facil comprehensão que o pôr um *loup* na cara, e o vestir um dominó, não dá espirito a quem não o tem.

Ora aquelles que o tem são raros, apontam-se a dedo, e não são os frequentadores ordinarios dos bailes de mascaras.

E mesmo porque tem espirito, é que lá não vão, e se vão não se mascaram.

Resta, portanto, a grande turba dos semsaborões, para encher os bailes e fornecer as mascaradas.

E como se ha dictado certo, é o de «cada um dá o que tem» os mascaras, os bailes dão semsaboria, e não são a mais obrigados.

E isto é assim, e em toda a parte, mas causa estranheza sempre, e dá que falar, origina lamentações sentidas, e gera estensos artigos ironicos, pela simples razão de que, quem vae a um baile de mascaras, espera encontrar o original do retrato, que viu em algum capitulo de romance ou em algum acto de comedia.

E d'ahi, como o auctor da mais reles peça, ou do mais chôcho romance, tem sempre

dez vezes mais espirito, que o mais espirituoso dos sensaborões que inundam os bailes publicos, a mais insonsa photographia de baile de mascarar é mil vezes melhor do que o melhor original.

A animação do carnaval refugiou-se, porém, nas soirées particulares, onde o *costume* é um pretexto para cada qual pôr em relevo as suas bellezas e occultar os seus defeitos, e o *entrudo* um pretexto para valsar, e nos bailes infantis onde as creanças são um pretexto para os grandes se divertirem.

Fôra d'ahi, o entrudo não existe, pelo menos eu sahi um dos dias de carnaval, a ver se o encontrava, e só encontrei alguns esfarrapados com caraça, ou alguns *reclames* theatraes disfarçados em mascaradas.

E basta de entrudo, tenho gasto com elle mais tinta do que elle mereceu, e tanto espirito como elle gastou.

O theatro do Gymnasio teve um grande *successo*, um extraordinario *successo* com uma comedia esplendida, que tem obtido exitos collossaes, em todos os theatros onde tem sido representada: — *Une tête de Linotte* de Theodoro Barrière e Edmundo Gondinet.

Foi em 11 de setembro de 1882, que a *Tête de Linotte* se representou em Paris, no theatro de Vaudeville, com um *successo* excepcional; depois de dar a seguir q3 representações, a peça correu toda a provincia triumphalmente, voltou a Paris, onde durante mais de um anno se conservou em scena, e onde de vez em quando ainda volta, sempre com grandes receitas e grandes applausos.

Effectivamente, a comedia de Theodoro Barrière e Gondinet, é uma obra prima no seu genero, e tanto o é, que em toda a parte, perante todos os publicos, o effeito tem sido sempre o mesmo — um triumpho pela gargalhada.

No começo do anno passado, a *Tête de Linotte* deu-se em Hespanha, traduzida por Eusebio Blasco, com um grande *successo*; agora, na noite de 22 de fevereiro, o Gymnasio pô-la em scena, em beneficio da actriz Barbara, um dos mais fleixiveis talentos do nosso theatro, e a peça de Gondinet, teve o mesmo exito tradicional.

A empresa do Gymnasio, que comprou á *Societade dos auctores dramaticos de Paris*, o manuscrito da peça, que não foi impressa ainda, encarregou-nos da traducção d'elle, para portuguez, trabalho que executámos com a maior e menos valiosa simplicidade, alterando apenas a nacionalidade de um personagem, que no original era portuguez, mercê da fusão que em França fazem do portuguez, do hespanhol e do brasileiro, e que nós primeiro transformámos para hespanhol, sem ter de lhe alterar uma palavra, nem sequer no nome, porque o portuguez da peça chamava-se *Don Stephano Ruy Gomar*, e que por conveniencias de representação, foi ainda depois naturalisado italiano, ajudando nos no trabalho d'essa nova naturalisação, o italiano de um amigo nosso, distinctissimo negociante, rapaz muito illustrado e intelligente, que fala excellentemente a lingua de Dante, da qual tem feito algumas traducções, já applaudidissimas nos nossos theatros.

E porque não temos nenhuma parcella nos applausos ruidosos, com que o publico de Lisboa acolheu a esplendida comedia de Gondinet e Barrière, não apparecemos no palco a agradecer esses applausos, que se dirigiam ao auctor da obra que tanto surprendera e agradára ao publico, e fallamos d'ella com todo o desassombro e liberdade com que temos o direito de apreciar qualquer obra de arte.

A *Tête de Linotte* é uma comedia engraçadissima, em que as situações comicas, se acotovellam com uma arte primorosa de theatro, e ao mesmo tempo, com uma simplicidade e uma verosimilhança, que contribuem em grande parte, ao seu grande e universal successo.

Barrière, o grande auctor dramatico, que a França perdeu ha annos, tinha de ha muito tempo, a idea e o plano d'esta comedia.

Uma vez em Dieppe, na praia, Barrière conversava a respeito d'essa peça, com Raymundo Deslandes.

— O que me falta agora é um titulo, um bom titulo! dizia o auctor do *Amigo dos Diabos*.

— Sim... um bom titulo! repetia Deslandes.

E ambos ficaram um pedaço a pensar no titulo. Nisto apparece uma mulher nova, elegante, gentil, risonha, olhando para o chão, remechendo na areia, procurando qualquer coisa.

De repente pára diante dos dois escriptores, e sem os conhecer, sem nunca os ter visto, dirigiu-se a elles, sem o menor embaraço.

— Perdão, diz-lhes ella com grande volubilidade: fazem favor, ajudam-me a procurar uma pulseira que eu perdi, um arosinho de ouro, apenas.

— Pois não, minha senhora.

E Deslandes e Barrière, põem-se a procurar entre as conchas e a areia.

Barrière, apezar de ser myope, foi quem encontrou a pulseira.

— Oh! obrigada, muito obrigada, exclama a rapariga, contentissima, tenho muito amor a esta pulseira.

E saltando ao pescoço de Barrière, dá-lhe um beijo de agradecimento e desata a correr por alli fóra, rindo como uma doida.

— *Eh bien! en voilà une jolie tête de linotte!* diz Deslandes muito surprehendido.

— *Tête de linotte!* repete Barrière, radiante, *Tête de linotte!* ahi está o nosso titulo, ahi está a nossa heroína!

E foi assim que a peça de Barrière se baptizou. A morte veio surprehender o notavel dramaturgo antes de ter concluido a sua peça.

Raymundo Deslandes, o collaborador de Barrière na *Tête de Linotte*, pensava muitas vezes em concluir a peça começada, mas na sua qualidade de director do Vaudeville não podia montar no seu theatro peças suas, segundo um artigo da *Associação dos auctores dramaticos*. Um dia lembrou-se de Gondinet para continuar a obra de Barrière. O auctor da *Gravata Branca*, não estava com muita vontade de trabalhar, mas o esboço da comedia de Barrière seduziu-o e d'alli a pouco a *Tête de Linotte* estava acabada e representava-se no Vaudeville com o mais extraordinario exito de comedia d'estes ultimos tempos.

A *Tête de Linotte* traduzida com o titulo de *Cabeça de Vento*, teve um desempenho excellento no theatro do Gymnasio a começar, pela protagonista, a actriz Barbara Wolckart, que teve tanto talento, tanta vivacidade, tanto *entrain*, tão perfeita comprehensão do personagem, que ninguém deu pela falta do rosto formosissimo que em Paris era um dos encantos da actriz que o representava.

Maria das Dores fez muito bem um papel que para o seu provado talento não tinha difficuldades, Maria Carolina foi encantadora n'um pequeno papel de modista, Montedonio e Cesar de Lima esplendidos em dois engraçadissimos typos burguezes, Valle fez rir a bom rir no papel do italiano, Diniz foi magnifico n'um galan muito comico, e Virginia Farrusca, Elisa, e Senna fazem bem os seus papeis, e para todos irem bem, até um actor que não apparece, e que desempenha o papel do porteiro da escada, onde se passa o segundo acto, fez com graça as perguntas, que do terceiro andar dirige ás pessoas que entram na escada:

— Procura a somnambula? pergunta com voz amabilissima, esse porteiro, apenas alguém põe o pé no primeiro degrau.

E quando não é a somnambula, que procuram, a voz do porteiro muda completamente, é aspera, grosseira, desabrida, nas respostas.

O *successo* da *Cabeça de Vento* foi pois completo, e tanto melhor para o Gymnasio que fez despezas extraordinarias para a pôr em scena, entre ellas as do pagamento dos direitos aos auctores francezes.

Ha dias no Ministerio da Marinha tivemos o prazer de ver uma machina em miniatura, feita com toda a minuciosidade, não lhe faltando a mais pequena peça da sua complicada engrenagem, trabalhada á mão, durante as horas de descanso da noite, pelosr. Henrique Alfredo da Costa e Silva, que foi aprendiz do arsenal da marinha, e hoje é operario n'uma fabrica de machinas.

E um trabalho perfeitissimo, d'um acabamento primoroso, que denota não só uma paciencia extraordinaria, mas tambem uma vocação enorme, e aptidões rarissimas, que deveriam ser aproveitadas, e que segundo nos affiançam o vão ser.

Parece que a machinasinha será adquirida pelo ministerio das obras publicas para o novo museu industrial e é uma excellente e justissima aquisição.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A INSTRUÇÃO

Esculptura de Alberto Nunes

O bello grupo que faz o assumpto da nossa gravura da primeira pagina é obra do distincto escultor o sr. Alberto Nunes, que o executou para o Hospicio Portuguez de Caridade, no Rio de Janeiro, uma das grandes instituições fundada por nossos irmãos no Brazil.

A esculptura do sr. Alberto Nunes é extremamente classica, e revela bem que o artista tem estudado os grandes mestres, sendo este trabalho uma affirmação do talento do escultor.

Á benemerita direcção do Hospicio Portuguez, de Caridade, no Rio de Janeiro cabe muito louvor por não se ter esquecido dos artistas portuguezes quando procurou mandar executar o bello grupo para adornar o seu edificio.

DR. AUGUSTO MANUEL DE SOUSA
PIRES DE LIMA

No dia 11 de fevereiro ultimo os guardas do Cemiterio Occidental ouviram pelas 11 horas da manhã, duas detonações seguidas, e correndo no sitio d'onde partira o som, encontraram banhado em sangue um homem vestido de preto, que pouco depois foi reconhecido ser o dr. Manoel Augusto de Souza Pires de Lima, conego da Sé de Evora, par do reino, e lente da faculdade de theologia da Universidade de Coimbra.

Sobre um tumulo proximo estava o chapéo, e dois impressos ainda por abrir, que naturalmente lhe haviam sido dados em mão, porque se andaram distribuindo por esses dias na cidade, — em um dos quaes se lia escripto pela sua letra: — *«Fui eu que me matei; não culpem pessoa alguma»* datado d'esse dia e assignado por elle.

Nasceu o dr. Pires de Lima em Coimbra a 14 de março de 1836, sendo filho de um dos mais acreditados pharmaceuticos d'aquella cidade, o sr. Antonio de Souza Pires de Lima e de sua mulher D. Zelia Fortunata Tavares da Silva, fallecida havia ainda não muito tempo.

Segundo o curso de theologia com brilhantismo havia-se doutorado em 18 de junho de 1858, sendo já então professor de sciencias ecclesiasticas no seminario diocesano.

Em 1862 foi despachado lente cathedratico e em 1866 foi nomeado conego da Sé de Evora. Foi em seguida nomeado Vigario Geral do bispado de Aveiro, cargo que exerceu alguns annos, e entregando-se mais á politica, que ao cuidado pastoral, foi eleito deputado seguidamente pelo circulo da Villa da Feira, e ultimamente, em 1880, elevado ao pariato.

A sua figura nas camaras portuguezas foi mais distincta como deputado, do que como par do reino. É natural que a doença que o corroia, e lhe alterou as faculdades por fim, o não deixasse mostrar o seu talento, n'este ultimo periodo.

Procurando lentivos á sua doença dentro e fóra do paiz, e não os podendo encontrar, e soffrendo outras affecções moraes, as suas faculdades intellectuaes começaram a manifestar certa alteração, o que causava não poucos desgostos aos seus amigos, que ainda na vespera da sua fatal resolução, preveniram a familia das suas tristes disposições.

A tragica morte do dr. A. F. Simões, seu amigo, collega e correligionario, veio exacerbar-lhe a mania do suicidio, que poude consumir illudindo a vigilancia da familia.

O finado exerceu varias commissões de serviço e entre ellas a de administrador do Asylo de Maria Pia, no qual introduziu alguns melhoramentos.

PALACIO DAS EXPOSIÇÕES

DE BELLAS ARTES EM ROMA

O esplendido edificio que a nossa gravura representa, foi inaugurado em 21 de janeiro de 1883 com uma grande exposição de bellas artes, em que figuraram telas e esculturas dos mais notaveis artistas italianos.

O auctor do projecto d'este palacio foi o architecto Piacentini, que obteve o premio entre cincoenta e cinco projectos que se apresentaram.

O edificio é monumental, ainda que anteriormente não ostente a mesma magnificencia exterior. As quatro estatuas principaes que adornam o portico são: a Architectura, a Pintura, a Esculptura e a Arte applicada á Industria.

As doze estatuas que assentam sobre a plantibanda do palacio são: Lucas de Robia, Fidas, Apeles, Apolodoro, Bramante, Miguel Angelo, Raphael, Rembrandt, Bernini, Canova, Delaroche e Benvenuto Cellini. O grupo que coroa o palacio é do escultor Adalberto Cenetti, representa a Arte tendo aos seus lados a Paz e o Estudo.

Entrando pelo portico principal ha uma retunda, coberta de vidros, a qual dá entrada para seis grandes salas que a circumdam.

D'estas salas passa-se aos jardins que são encantadores e onde se pôde admirar as mais bellas estatuas de preciosa esculptura.

Uma escada monumental dá accesso ao primeiro andar, onde ha outras tantas salas, como no primeiro pavimento, e que todas recebem luz de grandes claraboias, porque o edificio, como se pôde ver na estampa, não tem janellas.

O palacio occupa uma area de 5:220 metros, e importou em um milhão e meio de francos.

É n'este grande palacio que se projecta, para 1885, uma grande exposição internacional de Bellas Artes, que deverá ser, seguramente, um grande acontecimento do futuro anno.

CANAL DO ISTHMO DE PANAMÁ

Assim como o isthmo de Suez, unindo a Africa á Asia por milhares de seculos, era um embarço para a facil communicacão entre o Oriente e Occidente, assim tambem a estreita lingua de terra, que se chama o isthmo de Panamá e une a America septentrional á meridional é um obstaculo á rapida communicacão da Europa com as costas occidentaes da America, com o Oceano Pacifico e a Polynesia.

O genio emprehendedor de Fernando de Lesseps conseguiu depois de uma lucta gigantesca abrir o primeiro, empresa julgada impossivel e ridicularizada antes pelos sorrisos zombeteiros da Europa, hoje está empenhado na abertura do segundo, tambem combatido pela vaidade americana, e já contrariado com os projectos de um novo canal e de um caminho de ferro para transporte de navios de um mar a outro.

Já a pag. 176 do nosso 4.º volume, dando uma idéa d'esta ultima tentativa, haviamos promettido tratar da abertura do canal; não o tendo podido fazer até hoje, cumprimos agora a nossa promessa.

Para se proceder a uma obra de tal importancia, é claro que, depois de formada a necessaria companhia, se havia de proceder a estudos minuciosos e conscienciosos.

Não menos de onze traçados foram feitos e acuradamente examinados, desde o golfo de Tehuantepec até á bahia do Chiri-chiri no Oceano Pacifico e entre o Golfo de Campeche até Quiabo no Atlantico.

O 1.º traçado entre o Golfo de Campeche e o de Tehuantepec, seguia o rio de Coatzacoalcos até Ventosa no Mexico.

O 2.º muito mais ao sul seguia o curso do rio de S. João, atravessava o lago, e ia sahir abaixo da cidade de Nicaragua, no estado d'este nome.

O 3.º seguia o Rio Macho, atravessando o estado de Costa-rica, para desembocar no Golfo de Nicoya.

O 4.º parte da bahia do Linson a sahir pelas boccas do Rio Grande, junto á cidade de Panamá, no golfo d'este nome.

O 5.º começava no Golfo de S. Braz até ao mesmo golfo.

O 6.º, 7.º e 8.º tinham por começo os rios Morti em Scubiti e o golfo de Derieu, para írem desembocar ao sul do mesmo golfo.

Os 9.º, 10.º e 11.º foram procurados em diversos pontos estreitos d'esta lingua, tendo por termo as bahias de Copica e do Chiri-chiri.

Seria muito longo referir as razões technicas e economicas que influíram na escolha de um dos projectos, o que não podia deixar de ser, bastanos para informar os nossos leitores, dizer que o projecto adoptado foi o que acima enunciamos com o n.º 4, e que pôde ser reconhecido com este numero na pequena carta que damos a pag. 53 e onde se poderão ver as posições relativas dos diversos traçados.

A planta da pag. 53 dá a direcção geral do canal, que, partindo de proximo á cidade de Colon e cortando o rio Chagres em varios pontos vai depois cortar tambem o Rio Grande.

A distancia de mar a mar é de setenta e cinco kilometros, ou quinze legoas, a distancia de Lisboa a Santarem. Decorre elle atravez de valles, de planicies, pantanos, rochas e desfiladeiros imponentes. O observador que suba a qualquer cabeço proximo a Panamá, abraça com a vista um panorama magnifico: o Pacifico, sobre cuja superficie ondulante fluctua uma nevoa transparente, que reflete os raios dourados e as rosadas tintas do sol e dos tropicos; Panamá, antiga cidade fundada pelos hespanhoes, cujas ruinas se estendem ao longo da costa, hoje linda povoação, constando de elegantes edificios, sobre os quaes se destaca a sombria mole da cathedral, que resistiu ás injurias do tempo; a ampla bahia semeada de ilhotas, e rodeada de magnifica vegetação, dá uns longes do formoso golfo de Napoles.

A outra parte do canal para o lado Atlantico apresenta paisagens de incomparavel belleza, ornadas pela mais rica variedade de plantas, que mereceu aos americanos e particularmente aos inglezes a classificação de *flora paradisiaca*; sem embargo d'isso encontra-se alli o sombrio *Valle da Morte*, cujas emanacões perniciosas, sahidas dos pantanos occultos debaixo de torrões verdejantes, produzem os funestos effeitos da *malaria*, como na campina romana.

Trabalhos importantes de escavacão são os que mostram o perfil longitudinal, que denunciam uma

parte consideravel a cortar em rocha entre os kilometros 25 e 62, alem de outros pequenos cortes da mesma natureza. Parte dos movimentos de terra estão quasi concluidos e parece que dentro de dois annos estará concluida esta importante via de communicacão maritima, com que o nome de Lesseps ficará vingado dos indifferentes e zombadores, dando gloriosa corõa ao seculo XIX, e merecendo as honras de um dos principaes logares no pantheon dos servidores da humanidade.

Mas esta que nunca está satisfeita, começou logo a querer contrariar a importante obra, primeiro com o caminho de ferro já referido, e agora com a abertura de um novo canal.

É natural que as localidades, onde se fizeram os diversos estudos, tivessem creado esperanças de que o grande melhoramento podesse beneficiar o seu paiz; mas se ellas se lhes despertaram, perderam-nas pela escolha definitiva.

Não se pôde porem accomodar com a perca d'essas illusões o estado de Nicaragua. Julgando talvez que o grande lago, que se alarga no seu centro, lhe poderia dar facilidade para uma empresa similhante, resolveu ultimamente intentar a abertura do canal que fora estudado no seu territorio.

Já nomeou o seu consul em New-York, Alexandre Cotheal, seu representante official no conselho da companhia que deve emprender aquella obra, destinada a estabelecer concorrência ao canal do sr. de Lesseps.

O general Zabala tambem foi incumbido de uma missão junto dos governos das pequenas republicas de Honduras, Guatemala e S. Salvador afim de alcançar a sua cooperação para a garantia do lucro promettido á companhia concessionaria.

Um periodico financeiro diz que, infelizmente este auxilio não pode ser muito valioso, porque os fundos dos dois primeiros Estados estão mal cotados, e os do ultimo são problematicos.

Contudo, como a America tem muitos recursos, e os Estados Unidos fizeram altas diligencias para se opporem aos projectos do sr. de Lesseps, é possível que a tentativa de Nicaragua não fique só no projecto.

DR. AUGUSTO FILIPE SIMÕES

(RETRIBUICÃO)

No nosso numero antecedente, dissemos com relação a este mallogrado professor, que fora seu *quasi todo o trabalho da catalogação da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental*, o que não é exacto; como do proprio catalogo se vê, pertencendo-lhe n'esse trabalho apenas o relativo ás salas F. M. N. e O. das mais importantes é verdade, e em que foi auxiliado por seu primo o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, e foi n'essas salas, que constituíam a sua secção, que elle introduziu uma tal qual ordem a que tambem nos referimos: *Suum cuique*.

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(Continuado do n.º 1.º)

Em 1721 continua Bartholomeu Lourenço com assiduidade nas sessões da Academia e não esquecendo a sua paixão pelos trabalhos experimentaes, pediu e obteve carta de privilegio em 6 de agosto de 1721, para poder fazer carvão de terra artificial, por transferencia que n'elle fizera da concessão que para tal fim tinha alcançado por carta de 23 de maio do mesmo anno, Manuel Fernandes Calheiros.

Não podemos dizer, nem averiguar se este Calheiros seria um testa de ferro, para encobrir o padre em algumas tentativas experimentaes, se effectivamente seria o auctor do descobrimento. Em todo o caso vê-se que elles se entendiam para este fim.

A critica mordaz que não poupou o padre Bartholomeu alguns annos depois, tambem não esqueceu essa circumstancia de querer fazer carvão de terra, como se vê nas poesias com que o motejaram.

Alexandre de Gusmão no referido memorial allude por vezes aos serviços de seu irmão, dizendo que no principio de 1721 honrara el-rei a seu pae, Francisco Lourenço, com o foro de fidalgo cavalleiro da casa real, em attenção aos serviços d'aquelle.

Ou ha engano de copia ou de impressão: Francisco Lourenço foi elevado áquelle grau de nobreza por alvará de 9 de janeiro de 1722, e logo no dia 16 immediato foi conferida igual dignidade a Alexandre de Gusmão, e a Bartholomeu Lourenço o de capellão fidalgo da casa real, com 1820 réis de moradia por mez de fidalgo capellão e um alqueire de cevada por dia, paga segundo ordenança e sua vestimenta ordinaria, como tem os mais fidalgos capellães, e é o foro e moradia que pelo dito seu pae lhe pertence. Esta mercê diz-se feita por ser *ordenado de ordens sacras*, o que faz presumir que Bartholomeu Lourenço tomara as ordens de presbytero tarde, e talvez por occasião da sua formatura: — não podemos averiguar ainda este ponto.

Por decreto de 5 de junho e carta do 1.º de julho d'esse anno fez el-rei mercê a Alexandre de Gusmão em attenção aos serviços de seu irmão padre Bartholomeu, da propriedade do officio de escrivão da ouvidoria do ouro preto, com facilidade de poder nomear serventuário, a quem ficaria uma parte do rendimento do dito officio e ao proprietario as duas restantes, com declaração, porém, que estas duas partes pertenceriam a Bartholomeu Lourenço.

Como este não podia ser provido em cargos civis e temporaes, dava el-rei o cargo ao irmão de propriedade, ficando o rendimento para elle.

No entanto Bartholomeu Lourenço, gosando de todas as boas graças do soberano era encarregado de negocios arduos, de maior importancia e do maior segredo.

Era estylo então seguido em algumas côrtes da Europa, se não em todas, a violação da correspondencia dos diversos governos com os seus representantes; por este pernicioso habito, inventado não nos lembra por quem, sabia o gabinete de uma nação conhecendo de antemão o que os das outras lhe queria communicar ou exigir e aquillo que era preciso occultar-lhe, a maneira porque deviam ser dirigidos os diversos negocios, precavendo-se para os discutir, repellir, adiar, combater, procurando os argumentos, documentos e mais instrumentos necessarios para o combate diplomatico, em que é preciso astucia, finura, siudez e segurança. Mas o escolho de toda essa artimanha, hoje condemnada, eram as cifras, por meio das quaes os diversos Estados se correspondiam com os seus agentes; para as decifrar era preciso engenho e muito trabalho. D. João V fiando da grande intelligencia de Bartholomeu Lourenço, encarregou-lhe esse espinhoso, incommodante e inglorio mister; e tão bem se houve elle n'este assumpto, que em quanto viveu não houve cifra, por mais difficil que não traduzisse, pondo assim o governo portuguez no pé de poder tratar desassombadamente e prevenido, com todos os outros governos. Morto Bartholomeu Lourenço, e alterando os diversos gabinetes as suas cifras, ficou o governo portuguez de novo ás escuras, podendo finalmente Alexandre de Gusmão, ao cabo de muito trabalho, supprir a falta do irmão n'este assumpto e até inventar uma cifra de impossivel decifração. É Alexandre de Gusmão quem o diz no já referido memorial, ouçamol-o:

«Quando o Supplicante começou a ser admittido por Vossa Magestade em coisas de maior segredo, achou praticado o mesmo, que em todas as outras côrtes se pratica, de se abrirem aquellas cartas de que pôde resultar perigo á quietação do Estado; esta diligencia, porém, então quasi infructuosa, porque as coisas, que se queriam recatar do conhecimento d'esta côrte, iam ou vinham cifradas, e depois da morte do dito irmão do Supplicante não havia quem descobrisse as cifras, nem já serviam as que elle havia descoberto, porque os ministros que haviam vindo de novo, haviam trazido outras diversas. Esta operação pois entregou Vossa Magestade ao Supplicante, que teve a fortuna de descobrir todas as cifras que então se offereceram, e foram tres da côrte de França, uma de Roma, além de outras faceis de particulares; tendo principalmente com as tres primeiras um insano trabalho, que só pôde bem comprehender quem já tentasse a mesma empresa.»

Para se avaliar a importancia d'este serviço, vejamos ainda o que a tal respeito diz Alexandre de Gusmão logo em seguida:

«Por meio d'este trabalho do Supplicante (e o mesmo, por consequente, se deve julgar do irmão) foi Vossa Magestade sabedor (em quanto quiz) dos segredos d'aquellas côrtes, em tudo quanto dizia respeito a esta; o que não foi de pouca utilidade ao seu real serviço, principalmente nos movimentos do anno de 1735 e dos seguintes, evitando-se, ou acautelando-se muitas coisas, que sem isso haveriam tido pezadissimas consequencias.»

(Continua)

Brito Rebello.

O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 186)

IV

O MOSTEIRO

Entremos agora na igreja pela sua única porta (uma porta lateral): veremos á nossa esquerda a capella-mór e á direita o côro das freiras. A primeira impressão, que em nós desperta o seu interior, é a do acanhamento, quando comparada com a vastidão da fabrica a que pertence, e sobretudo com o sumptuoso côro que a prolonga para oeste. E na verdade acanhada e mesquinha; e construída no gosto italiano, abundante de pilastras doricadas, de alinhadas cornijas, de nichos e de remates semicirculares, prova de que, não obstante haver o antigo templo do mosteiro escapado á devastação do incendio de 1725, foi elle também reconstruído por amor da harmonia no estylo do resto das edificações. Apresenta dois altares por banda, alóra o altarmór. Em todos elles, sobretudo na elevada tribuna do ultimo, ha para admirar-se muito bóa obra de talha dourada, d'aquella que se recomenda prompto á vista, ao mesmo tempo pela sua phantásiosa copia de ornatos, que não chega a ser excessiva, e pelo bem acabado nos minimos detalhes do contorno; e cujas cabeças de anjos, rechonchudos e hilariantes, e cujas graciosas aves adejando, e cujos cachos pendendo dos fustes retorcidos n'uma



DR. MANUEL AUGUSTO DE SOUSA PIRES DE LIMA
FALLECIDO A 11 DE FEVEREIRO DE 1884 (Segundo uma photographia de J. M. Santos)

apoplexia luxuriante de seiva a transbordar, parece como que avolumarem-se, desprenderem-se do lenbo em que foram talhados, e caminharem para bem junto dos olhos do observador, a fazer-lhe conhecer, admirar, sentir em toda a plenitude o esmero irreprehensível da sua execução.

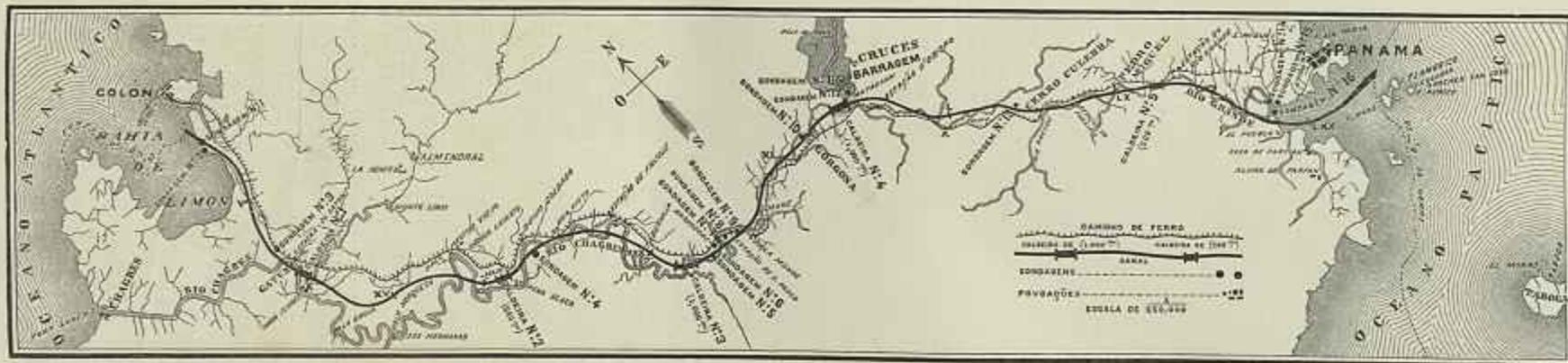
Sobre o primeiro altar do lado da Epistola repousa o esqueleto natural, vestido de cera, da santa rainha Mafalda, encerrado n'um magnifico tumulo de pau santo, recamado de delicadissimos ornatos de prata e cobre dourado e encimado pela corôa real: é o custoso e elegante sarcophago, adquirido pelo mosteiro em 1792, por occasião da canonisação da infanta. Na base do mesmo altar guarda-se cautellosamente o antigo sepulchro da santa, simples caixa de granito sem o minimo lavor, e apenas com tenuissimos vestigios de pintura a azul e ouro de uma legenda, flanqueada por dois escudos heraldicos, talvez reaes. Supponho ser este o monumento de pedra branca, para onde em 1617 foi transferido o corpo da rainha. A tampa já não existe e a caixa está grandemente estilhaçada pela piedosa crendice dos fieis romeiros, que, do tempo em que elle se achava patente, nunca deixavam de levar comsigo, — milagroso amuleto, — um pedaço do profanado tumulo.

E tempo de fallar do riquissimo côro do mosteiro, amplo, magestoso e profundo, sem duvida no seu genero o melhor de Portugal. Corre-lhe ao alto um largo entablamento de granito, d'onde pendem uns tantos quadros de pouco merito e so-

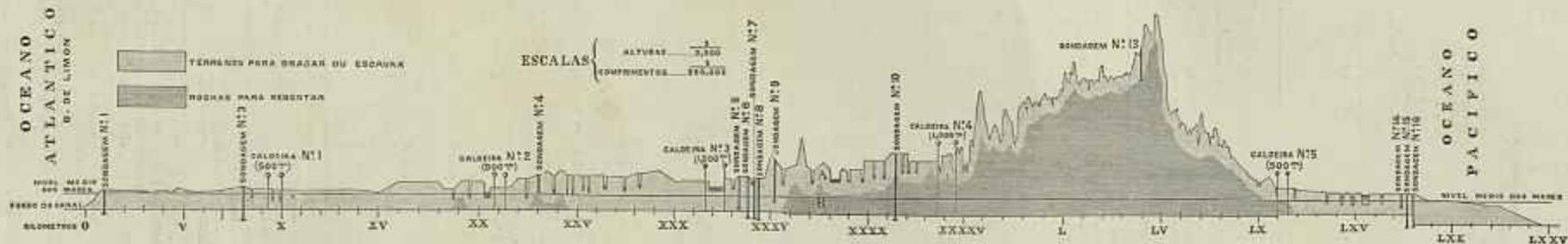


PALACIO DA EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES, EM ROMA

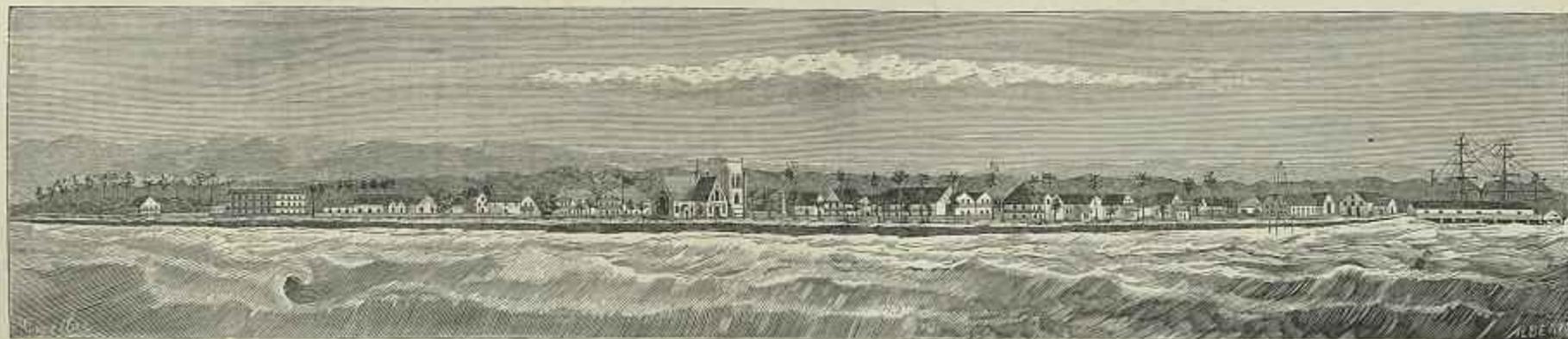
CANAL DO ISTHMO DE PANAMÁ



PLANTA DO CANAL



PERFIL LONGITUDINAL



CIDADE DE PANAMÁ

bre o qual se abrem algumas janellas com balaustrés, dando para o interior. Está dividido em dois pavimentos, sendo o superior destinado ás famulas do mosteiro e o inferior ás monjas. Este conta 104 assentos de bella madeira de vinhatico, muito lavrados (com espaldares altíssimos de talha dourada, de subido valor) (que lhe correm ao longo das paredes em duas ordens paralelas). Cada assento é movel á maneira das actuaes cadeiras dos nossos theatros, e para que se lhe possa dar com facilidade o movimento, tem na parte anterior uma especie de cabo ou péga, ovalar, representando uma cabeça, e por cujo affieçoamento se desdobrou fecundissima, ousada e livre a imaginação do sambador: aqui uma cabeça de preto, encarapinhada, selvatica e rude; ali as feições jozalescas e sensuaes de um tonsurado, cujo labio inferior descahe sob o peso das preocupações carnaes; acolá uma graciosa caricatura anonyma, talvez dos pintalegretes da epocha, de petulante monoculo e bigode retorcido; mais além uma deliciosa fronte de ancião, austera e sonhadora; e servos e nobres e ecclesiasticos e burguezes e populares; todas as condições da vida, todas as edades, todos os estados; uma copiosissima collecção de typos, cada um com o seu ridiculo peculiar perfeitamente accentuado; uma renovação feliz das grandes ousadias que a idade media insculpia a miudo na renda das suas cathedraes; a qual alli jaz escondida, inapreciada, occulta e que constitue a maior preciosidade artistica de todo o mosteiro e uma das primeiras do paiz.

De uma das paredes do côro pende tambem uma tela mediocre, que representa o commovente caso da mula morrendo junto ao altar n'um verdadeiro rapto de mysticismo, por um extremo desapego da vida depois do honrosissimo cargo da condução da santa.

E do interior do mosteiro pouco mais direi. O claustro, que mede uns 365 metros por banda e é de arcaria tambem toscana, só tem uma face completa. No seu recinto crescem e vicejam limoeiros e laranjeiras, a cuja sombra discreta e amiga eram as freiras out'ora sepultadas. Na ampla sala do capitulo pôde admirar-se uma preciosidade, — a gigantesca cathedra abbacial, — toda de vinhatico, aberta em finos lavores, que tem um aspecto ao mesmo tempo augusto e gracioso, e é sem duvida obra do seculo passado. O seu largo espelho oval, bem como o assento, hoje nus, foram por certo de principio cobertos com algum rico estofo de velludo. Ao defrontar com este valioso artefacto, para mim desconhecido, extranhei que elle não houvesse figurado na Exposição retrospectiva de arte ornamental; e soube então que as freiras haviam posto particular cuidado em sonegal-o, de medo que não lh'o restituíssem, terminada a Exposição.

É digno ainda de menção muito particular o celloiro ou tulha do convento, para o qual se entra subindo a bella escadaria de pedra, que eu já disse se ostentava ao sul do terreiro. Ahi, no primeiro pavimento, depara gostoso o visitante com uma vasta quadra abobadada, opulenta de ar e de luz, repartida em tres naves por duas series paralelas de 5 pilares de granito, accusando o mais escrupuloso acceio, rescendendo ás emanações frescas dos cereaes, e com o pavimento de tijollo cortado por largas partições de pedra, entre os pilares, onde se amontoam o trigo, o milho e o centeio n'uma agradável profusão orgulhosa de abundancia e de fartura.

No resto do mosteiro nota-se a cada passo a mesma grandeza monotona, a mesma vastidão arida e fria; quer nos dormitorios, quer na cozinha, quer na casa de comer. Assim, por exemplo, o forno onde se cose o pão é de formas tão avantajadas, que devora sempre dois carros de lenha para aquecer. E a reconstrucção da casa ordenada segundo risco tão grandioso, prolongou-se necessariamente pelo tempo adiante e nunca veiu a ser levada a cabo. O orgão da igreja tem a data de 1743. A primeira pedra para a erecção de um dos dormitorios foi lançada apenas 56 annos depois do incendio, em 1781; e era terminado em 1785. No claustro, a ultima das obras de que se ergueu mão, trabalhou-se ainda até 1798.

A cerca era por igual vastissima e no interior d'ella erguia-se uma grande porção de edificios, hoje demolidos, em numero superior aos da villa, e que, todos reunidos, occupariam talvez maior área que o proprio mosteiro: eram as moradas das servas das freiras, e o seu conjuncto formava uma grande povoação. Em cada morada d'estas havia casa para a freira merendar nos dias de calor, casa para leitura e casa para engommar, afóra os aposentos privativos da creada. Por este unico detalhe poderão os leitores avaliar do apparatuso viver d'aquellas virtuosas reclusas, que tão sabiamente curavam de casar com os confortos mundanos o culto do Senhor.

Hoje a vida do convento deriva precaria e decadente. Reduzido consideravelmente no luzimento e nos haveres, apenas conserva ufano a especialidade do fabrico das *murcellas* e do *pão leve*. Habitam-o duas freiras professoras e bastantes educandas. Por occasião da extincção das ordens religiosas, foi o valle vendido e o producto da venda convertido em inscripções, cujo juro hoje recebe o mosteiro e anda por 1:000:000 réis. A receita annual média do convento orça por 2:500:000 réis, isto é, pela quinta parte da receita de ha um seculo. Equivale á despeza. Ainda hoje recebe quantiosos sóros, alguns de carne de porco, frangos, gallinhas e fructa, sendo de milho, trigo e centeio os mais importantes.

Abel Acacio.

Os portuguezes nos seculos XV e XVI e os estrangeiros no seculo XIX em Africa

Em 1598 publicaram os irmãos De Bry a descripção das diferentes partes do mundo, que hoje são raras.

Pelo que respeita a Africa e particularmente ao paiz do Congo serviram-se da relação de Duarte Lopes em 1578.

Traduzindo ha pouco o sr. Leão Cahun, bibliothecario da Bibliotheca Mazarino, a *Relação do Congo*, d'essa collecção precede-a de uma *Introdução* que passamos a transcrever, onde se compara com muito senso, o que descobriram em Africa no seculo xv e xvi os portuguezes, ao que tem feito os modernos viajantes estrangeiros, no presente seculo.

Eis a introdução:

Quando pegamos em uma carta de Africa, feita por 1850, antes das viagens de Barth, de Livingstone e de Speke, e a comparamos a uma carta feita pelo fim do seculo xvi, depois das grandes explorações de Diogo Cam, Francisco de Gouvea (1) e Duarte Lopes, comprehendemos que o interior da Africa era muito menos conhecido ha trinta annos, do que o era ha trezentos annos.

Durante tres seculos, a Europa procurou, com ardor, descobrir o mysterio das origens do Nilo e das suas cheias, e reconhecer o centro do continente africano; tantos heroicos viajantes pereceram n'estas tentativas, que se pôde chamar, com justiça, á historia das viagens feitas em Africa durante o seculo xviii e primeira metade do corrente, *O Martyrologio Africano*. Um estado maior de geographos de gabinete dava sabias instrucções a uma legião de exploradores e os dirigia para o centro de Africa pelo Egypto, pela costa de Tripoli, pela costa de Guiné, pelo Cabo, enfim por todas as vias, menos pelas duas boas, que os portuguezes do seculo xvi, que não eram dirigidos por nenhuma especie de sabios, tinham tomado de golpe e sem ezitações. É um facto estranho, que de tantos sabios e de tantos viajantes que tem sonhado com a travessia do continente africano, durante tres seculos, nenhum haja tido a lembrança de ler as indicações e descripções exactissimas que d'ella se publicaram nos fins do seculo xvi, ou que entre os que as houvessem lido acaso, se não encontre quem acreditasse na sua exactidão. Quando Speke concebeu, pela primeira vez o plano simplissimo, de ir procurar as origens do Nilo, não subindo o curso d'este rio por um trajecto de mais de oitocentas leguas, mas cortando pelo caminho mais curto, de leste a oeste, partindo do Zanzibar, conseguiu logo o seu fim. Na conferencia que fez depois da sua volta, elle desvendou o grande mysterio africano n'estes termos: «*Se os antigos tivessem sabido que a Africa equatorial é a região das grandes chuvas, não teriam tido tantas quebras de cabeça a proposito das origens e das cheias do Nilo.*» Por nossa parte dizemos tambem: «*Se Speke houvesse lido a descripção da Africa publicada em 1598 pelos irmãos De Bry, elle não se teria gabado de haver descoberto o segredo das origens e das cheias do Nilo, que Duarte Lopes, havia descoberto, e que os irmãos De Bry haviam publicado duzentos e oitenta annos antes da sua viagem.*»

Quando Stanley, indo á procura de Livingstone, descobriu o curso de Lualaba e o Alto Congo, elle sustentou, tenazmente, em não sei quantas conferencias e artigos de periodicos, que tinha encontrado as verdadeiras origens do Nilo; precisou fazer segunda viagem, para reconhecer, á custa de muitas fadigas e perigos a importancia do seu proprio descobrimento, e para confessar,

(1) Medes perto de um seculo entre o primeiro e o segundo. Vê-se pois que o auctor, conhece tambem apenas ligeiramente a historia das nossas explorações.

perante os applausos da Europa, que o que tomara pelo Nilo era o Congo e que se podia ir do Oceano indico ao Atlantico pela via que acabava de abrir. Se Stanley, antes da sua partida, houvesse lido a mesma descripção da Africa impressa em 1598, teria ido direito ao Congo sem discutir, e sem titubear, e teria seguido, com perfeito conhecimento de materia, o caminho que o portuguez Duarte Lopes, não era o unico que o percorreria muito tempo antes. Houvera conhecido, com toda a exactidão, a localidade onde habitam as populações guerreiras do paiz de N' Zigué que quasi o impediram de passar. Houvera sabido que existem na Africa equatorial duas raças, uma pacifica e relativamente civilizada, outra de genio belicoso que impelle a primeira para a costa occidental. Houvera conhecido os pormenores de uma das invasões d'estes N' Zigué, cujas feições se assemelham mais ás dos brancos, que ás dos outros negros, que são os proximos primos dos Zandé do D. Schweinfurth, dos nossos Peulhs do Senegal, e dos Ha-Ussa que o proprio sr. Stanley, attrahe precisamente agora ao seu serviço.

Se os srs. Serval e Griffon du Bellay e depois d'elles Brazza, quando exploraram o estero do Ogo-lle e o Gabão, houvessem estudado o velho livro de 1598, teriam conhecido de ante-mão, a existencia do planalto que separa a bacia d'estes dois rios, da do Congo, e teriam dirigido immediatamente as suas explorações para o Sueste, com a certeza de encontrarem a grande corrente de agua que é a verdadeira porta de entrada da Africa equatorial. Teriam conhecido a posição das catacletas do Congo, que o sr. Stanley assignalou duzentos e noventa e dois annos depois de Duarte Lopes, e a montante das quaes é mister retomar a navegação interrompida do rio que conduz do Atlantico á bacia do Nilo e ao Oceano indico.

Infelizmente, os eruditos que tem os livros velhos quasi que não viajam, e os viajantes, que vão estudar directamente o terreno, não leem.

No seculo xvi, quando foram publicados os resultados das explorações de Duarte Lopes na Africa, não se possuíam os meios de investigação, de descripção e de publicação de que hoje dispomos. Não havia os instrumentos de geodesia e de topographia expedita que permitem notar rapida e seguramente a configuração do terreno; não havia a photographia que permite tomar a imagem fiel d'elle; não havia museus, onde se podessem depositar, classificar-se e conservar as collecções de historia natural; não havia periodicos que permitam fazer conhecer dia por dia os descobrimentos. Um incidente politico, uma crise economica faziam esquecer, em alguns mezes, paizes imperfeitamente descriptos, por mais conhecidos que fossem, attenta a falta de meios materiaes de observação e descripção.

Nos fins do seculo xvi conhecia-se muito melhor a Africa equatorial, entre o Nilo e o Congo, do que se conhece hoje, apesar das viagens de Speke, de Livingstone, de Stanley, de Brazza e de Serpa Pinto; mas não se sabia descrever-lhe tão bem. Teremos ainda que gastar meio seculo, para tornar a encontrar, pedaço por pedaço, as minas que os portuguezes viram no seculo xvi, os afluentes do Congo por onde navegaram, os lagos que visitaram, as montanhas que galgaram, as egrejas que edificaram; mais á medida que se forem encontrando estas coisas, fixar-se-hão tambem sobre o papel dos periodicos, dos livros e das cartas, classificar-se-hão tambem nos museus e nas collecções, que será precisa uma catastrophe ou uma invasão de barbaros, para que se perca a noção precisa de tudo isto.

Lendo esta velha relação do Congo que damos aqui, aprender-se-hão muitas coisas sobre a geographia africana que será facil de definir e de rectificar no terreno. Julgo prestar um serviço aos nossos viajantes modernos, pondo á sua disposição um livro, cujos exemplares do original se tornaram raros. Foi viajando, que eu proprio aprendi a avaliar as relações dos antigos viajantes, e que reconheci, que, sempre que os modernos zombam d'elles, e porque entendem mal os seus textos, e conhecem ainda peor o terreno. Quanto mais se estudar, de *visu*, a Africa e a Asia, cada vez mais seremos surpreendidos da viracidade e faculdades de observação dos antigos que as viram antes de nós. Não tinham bons instrumentos; nós temol-os excellentes; faziam theorias absurdas; as nossas nem sempre são tão rasoaveis como as julgamos; enganavam-se muitas vezes: nós não somos infalliveis; tinham idéas preconcebidas: nós não temos as mesmas, mas outras; e, para terminar, por cada dez absurdos de que os tachamos, ha nove que provem dos enganos que commetemos ao traduzil-os.

O TERCEIRO SALÃO

III

Entre os pintores novos em formação, tres rapazes que se acham n'esse perigoso e temível periodo das transições incertas, comparaveis a successivas mudas em que as capacidades escolhem penosamente, ás apalpadellas, as armaduras — e as garras que mais propriamente lhes sirvam para a sua lucta, — emfim, uma verdadeira adolescencia que a arte impõe como a vida, — o sr. Vaz triumpho no radiante destaque do seu progresso enorme. A sua mão vae já sendo virilmente firme, e pujante de mocidade, procura arrancar á misteriosa paleta todos os seus segredos, soterrados nas tintas brutas que, a esmo, em grosseiros monoculos, encerram toda a decomposição luminosa do espectro. E uma caprichosa e pittoresca esphinge tentadora, a paleta, muda para alguns, traidora para muitos; mas revela fielmente a Côr aos trabalhadores de talento, que se cansam e se atormentam obstinadamente em torno d'ella, até a compungirem com as lagrimas do seu precioso suor de esforçados, e entrarem na sua intimidade que é a recompensa suprema. Também, ardendo na sede de possuir esta seductora amante que, na arte, é uma divindade, o Vaz persegue-a diligentemente, e recolhe já uns favores bons que o enchem justamente de confiança.

A sua pintura é alegre, e procura os motivos agradaveis, aquelles em que o espirito do observador repousa encantadamente, captivado pela graça idyllica dos bellos pedaços de paisagem em que a natureza, de si propria, tem uma galanteria que a natureza, de si propria, tem uma galanteria artistica. São arvoredos que se encabritam nas margens de um riachão, enlunados de trepadeiras parasitas, e com a sua espessa abobada enfolhada onde o outomno põe doentias manchas amarelentas, encobrem as aguas serenas em que folhas seccas vogam melancolicamente; ou então, como o artista mora perto do Sado, temos o quieto espectáculo das praias areentas que se alargam em silencio ao encontro do mar verde e azul, e das onduladas planuras mansas do vasto rio onde uns barcos negros, atravessando no ar os traços recurvos dos mastros, avultam na simpleza das suas linhas de um estylo sobrio e triste. Depois, variando a sua exploração, Vaz deixa os arejados assumptos apanhados na plenitude da luz, e cultivando uma especialidade interessante, entra n'um templo antigo onde surprehende magnificas architecturas, com columnas de marmore bizarramente colorido, ou mesmo pinta o claustro gothico dos Jeronymos, reduzindo na téla umas denegridas e ogivadas amostras d'aquella velha fabrica, rendilhada toda envolta n'um encanto de legendas epicas.

Eis as predilecções do artista, a que eu me permitto dar o meu franco applauso, porque n'ellas vejo a manifestação espontanea e o feliz aproveitamento de um grande sentimento da côr. Digo mesmo que é esse benéfico e sadio predicado de colorista, o que salientemente caracteriza a maneira d'este pintor, bem encarreirado pelos conselhos persuasivos de Silva Porto, um mestre bom e amigo; porque Vaz nem sempre desenha correctamente, maltratando sobretudo as raras figurinhas, que apparecem nos seus quadros; e quero parecer que a perspectiva não lhe é extremamente familiar. Mas também acho que é bem feliz o artista, cujos defeitos mais evidentes pôdem facilmente ser extirpados por meio de um aturado estudo convicto.

E, já agora, recommendo também aos cuidados aprimorados que o sympathico artista empregue para aperfeiçoção das suas obras, que não adultere por vezes levemente a côr, e não deixe alguns bocados de pintura fria e monotona á falta de valores bem definidos e aproveitados; assim como lhe peço que não procure jámais alindar deploravelmente os seus quadros, porque pôde ser elegante, precisamente, sem se tornar frívolo, amaneirado, — e falsario. — De resto, cousa curiosa, este rapaz rijo e sanguineo gosta de pôr na sua pintura uma delicadeza vagamente sentimental.

Christino é um pouco o antipoda do seu precedente confrade, na singular preferencia que dá aos assumptos ingratos, insignificantes, ou mesmo banaes; por simples má escolha, ingenuamente, põe n'um dos seus quadros umas aridas linhas geometricas, e tem uma especial amizade declarada aos pinheiraes, pedindo-lhes repetidos motivos, de feitiço vario, para telas que são escrupulosamente pintadas, mas talvez pouco attrahentes. Entretanto e ao proposito, cumpre distinguir justicciamente um bello quadro, tomado n'um pinhal cerrado e sombrio no agrupamento irregular dos troncos hirtos, a vigorosa execução do qual representa um

grande avanço na maneira notavelmente progressiva d'este artista.

Esse largo e favoravel passo andado repete-se, sem duvida, mais ou menos firmemente, em quasi todos os quadros que apresentou. Christino é um observador, e sem ter ainda um colorido intenso, sabe ser exacto, cahindo raramente em cruzes de côr demasiado vivas e ferozes; mas o conhecimento do desenho que possui com segurança, leva-o uma vez por outra a tocar algumas partes dos seus quadros com uma demorada minudencia acanhada, em cujo logar quereria vêr a solida largueza d'outros bocados robustamente executados. Tenho, demais, uma séria confiança nas qualidades sãs, ridentes de promessas, d'este pintor modesto; e o seu desenvolvimento seria já hoje brilhante, experimentado claramente em telas numerosas, se Christino, retido pela habitual faina de illustrador ou gravador paciente, não visse a sua boa-vontade impossibilitada de frequentar dedicadamente o estudo da natureza.

Vieira continuou a provar, n'este salão, os seus opulentos dotes de pintor. Como se a fria pureza implacavelmente branca do marmore lhe parecesse inconciliavel com o gosto amavel da côr, e lh'o pudesse porventura matar ciosamente, o artista abandonou a escultura, que realmente não lhe regateava favores carinhosos apesar de gelidos, e, transfuga estimavel, entregou-se decididamente á pintura, n'uma bella resolução de meridional. Por isso ella também o recebeu generosamente, e o feliz aventureiro mostra já nas suas paisagens umas qualidades tão boas de colorista, que são a prompta desculpa para os peccados do executante inexperiente, — algumas tintas ainda sujas ou aguadas, tons crus, varias pinceladas mesquinhas, e ás vezes certa dureza de factura. Sómente, n'um quadro em que o mercado de Leiria é pittorescamente representado, com uma excellente interpretação do artista que o pintou com uma valedia toda promettedora, noto, detalhando, uma minuciosidade excessiva no pavoroso desenho das saias, miudamente corridas de pregas, das seranas que fazem multidão; ora, só a idéa passageira de que um artista sincero como Vieira se approxime descuidosamente de Leonel, que é um abysmo, horrorisa-me, positivamente. Porque pretende remoejar alguns generos de pintura já desgraçadamente usados, Vieira deve servir-se de toda a sua força vencedora de artista moderno.

Nos seus bellos estudos de flores, por exemplo, affasta-se grandemente d'uns acreditados floristas que teem feito nos seus quadros um gasto consideravel de cartão e cêra, n'uma engenhosa industria ingrata ás abelhas; Vieira, ao menos, pinta flores verdadeiras, com uma frescura surprehendente, e com um justo sentimento das diversas côres delicadas; e dá-nos umas deliciosas e perfeitas rosas, que chegam a parecer odiavelmente avaras do seu perfume.

* * *

Entre nós, meus caros artistas do «grupo do Leão», não sei se acaes porventura os variados jogos cynegeticos; mas, em todo o caso, acho bom e salutar que nunca, em dia algum de irreflexão criminosa e esturdia, vos entregueis imprudentemente á mortifera — caça ao pataco, em que a arte é posta em *curée*, ou, traduzindo assaz livremente, em almoeda. Seja mesmo pelo amor dos vossos altos interesses artisticos este barbaro ephemismo, com que fecho laconicamente, não sem vos dar um rude aperto de mão cordeal pelo vosso trabalho sympathico.

Monteiro Ramalho.

RESENHA NOTICIOSA

CAMARAS FRANCEZAS. Tem discutido o parlamento da republica duas leis importantes: uma da reorganisação municipal, no senado, e outra repressiva dos pregões e emblemas sediciosos na camara dos deputados.

SUICIDIO. De certo não foi o exemplo dos doutores Philippe Simões e Pires de Lima quem determinou o suicidio do professor Klinkerfues, da Universidade de Göttingen. Havendo perdido toda a sua fortuna em uma operação da bolsa deu um tiro na cabeça dentro do observatorio da Universidade morrendo instantaneamente.

MARROCOS. Participações de Mequinez, onde habita actualmente o sultão de Marrocos, dizem que este deu ordem de prohibir aos europeus a entrada do Riff. Parece que toda a colonia estrangeira adheriu ao protesto do ministro de França, n'aquelle estado, contra esta infracção dos trata-

dos, extranhando-se a inacção dos outros representantes.

Diz-se que irá representar a visinha Hespanha, junto áquelle sultão, o sr. D. Leopoldo Alba Salcedo.

A POLICIA DA SAXONIA. Uma nova determinação policial prohibe apresentar ao publico, nas exposições de bicharocos, as macacas que excederem a idade de 21 annos.

INSURREIÇÃO NA SERVIA. Tem sido sequestrados e vendidos em hasta publica os bens dos insurgentes. Suppõe-se que isto dará origem a outra insurreição. Julga-se muito duvidosa a maioria no parlamento, para o partido actualmente no governo, e em tal caso a revolta é eminente.

RAINHA DE TAHITI. Esperava-se em Paris a chegada d'esta princeza, que naturalmente dará a sua volta pela Peninsula.

ENCYCLICA PAPAL. Leão XIII dirigiu uma encyclica aos bispos francezes, condemnando as escolas do governo. Este documento julga-se ser o preludio de muitos mais que deverão apontar os pontos principaes da lucta travada entre a francmaçonaria franceza, e o catholicismo. Os homens sensatos previam de ha muito uma tempestade religiosa, visto o pouco tacto e imprudencia com que ultimamente os governos da republica tem procedido, tolerantes para com todas as scitas, e intolerantissimos para com os catholicos, que formam a maioria da nação. A propria Prussia tem cedido terreno pouco a pouco.

EXPEDIÇÃO DE GINLIETTI. Morreu no carcere, de bexigas negras, um dos implicados no morticínio d'aquella expedição. O processo que estava suspenso por causa da doença d'este accusado, por nome Kuttessá, continua agora contra o unico sobrevivente d'elles, o cheik Saão. O promotor tinha concluido a accusação contra os dois reus, pedindo a condemnação d'elles á pena capital.

INNUNDAÇÕES NOS ESTADOS-UNIDOS. As cheias nos estados do Oute tinham continuado. A 7 do mez passado dizia-se de New-York que em Pittsburg seis mil casas foram submergidas, cinco mil pessoas foram salvas nos edificios publicos; os prejuizos ascendiam a um milhão de dollars, cerca de novecentos contos de réis. Contudo depois d'essa data a inundação decrescia. — Não se confirmou a catastrophe que se dizia ter succedido em Marietta, na occasião em que a multidão se agglomerára sobre a margem do Muskingum, cedendo o terreno, que se submergira com cincoenta pessoas, tendo perecido afogadas quinze na maior parte moços. Esperava-se grande cheia no Mississipi.

MAU TEMPO NA ILHA DE S. MIGUEL. Dizem-nos d'esta bella terra que tem corrido por alli o tempo detestavel, com um frio excepcional, que apanhou de salto os habitantes. Nas partes elevadas tem cahido neve, coisa que ninguem conserva memoria de ter visto n'aquella ilha. Na noite de 13 de fevereiro ultimo, desfechou sobre ella um furacão do N. O. que a açoitou durante tres horas (das 8 ás 11) correndo com a velocidade de 103 kilometros por hora, velocidade nunca até então observada no posto meteorologico alli fundado em 1866.

ARCHEOLOGIA. No dia 8 de fevereiro ultimo, andando-se a escavar em um terreno, junto ao forte Tiburtino, Roma, fóra da porta Maggiore, foi descoberta uma estatua de marmore, de cerca de um metro e oitenta centimetros de altura, representando Apollo. Está perfeitamente conservada, faltando-lhe apenas o antebraço esquerdo e a mão direita.

CONFERENCIA. Domingo 10 de fevereiro ultimo fez o official da marinha italiana Alberto De Renzis, uma conferencia na sala da Sociedade de Geographia de Roma, relativa á recente expedição dinamarqueza, ao polo arctico, na qual o distincto official tomou parte.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ ILLUSTRADO, director Fernandes Costa, H. Zeferino de Albuquerque, editor. Fasciculo 61 que publica as letras B e M alcançando ás palavras *balão* e *maçon*.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA, edição da Empresa Litteraria de Lisboa. Fasciculos 2c e 2d, pertencentes ao 6.º e ultimo vol. escripto por Pinheiro Chagas. Estes fasciculos trazem duas gravuras «Funeral de D. Maria II» e «Maria da Fonte — A primeira guerrilha».

Faltam dois fasciculos para a conclusão d'esta obra, os quaes serão distribuidos brevemente.

O POSITIVISMO, revista de philosophia, dirigida por Theophilo Braga, e Julio de Mattos — n.º 6,



CANAL DO ISTHMO DE PANAMÁ — PROJECTOS ESTUDADOS

do 4.º anno — novembro e dezembro. Comprehe-
dendo este fascículo: *Tradições populares portu-
guesas* (xv — *O secular das nvens*) pelo sr. Con-
sigliere Pedroso; já temos falado da importancia
d'esta colleção de tradições e crenças; *For-
mação das lendas christãs*, pelo sr. Theophilo
Braga; *Considerações geraes sobre sociologia*,
por Teixeira Bastos; *Bibliographia: Etudes de
Grammaire portugaise* (Romania, t. x e xi) por
Gonçalves Vianna.

O GENERAL CARLOS RIBEIRO (*recordações da mo-
cidade*) por Camillo Castello Branco — *Porto*,
Livraria civilização de Eduardo da Costa Santos
— editor — MDCCCLXXIV — 71 paginas. —
Toda a gente conhece, ao menos de nome, o
illustre geologo portuguez, cujos trabalhos deram
origem á reunião do *Congresso de anthropologia
e archeologia prehistorica*, em Lisboa, em 1880;
por essa occasião demos o seu retrato e um
esboço biographico, e depois, por occasião do seu
fallecimento, a pag. 260 do nosso 5.º volume, com
uma biographia um pouco mais desenvolvida.
Longe estavamos porém de esperar a surpresa
que nos causou o folheto do sr. Camillo, a propo-
sito de um episodio romanescico do nosso geo-
logo. Esse episodio contado no estylo imaginoso,
rico e brilhante do opulento escriptor, dá outra
nota do caracter de Carlos Ribeiro, e mostra
como o estudioso marçano, convertido pelo seu
trabalho e estudo em habil official de artilheria,
tinha na alma a riqueza de sentimentos que o fi-
zeram estimar de quantos o conheceram.

HORAS DE OCIO, ensaios pelo sr. Santos Bemvindo
— Lisboa, Typ. Casa Portuguesa, Rua Larga
de S. Roque, 139, 1884 — 224 paginas. É uma

collecção de poesias a diversos assumptos e em
diversos tons. A fabricação dos versos mostra
algum estudo e cuidado de metrificação, mas a
poesia é em geral falta de calor e tensão.

Por vezes o muito desenvolvimento prejudica o
efeito que alguns trechos podiam produzir. O
tempo e estudo tudo corrige.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA, 4.º
anno, 1883, n.º 10, 11 e 12 — Ernesto Chardron,
editor. — Esta colleção, onde se acham reunidos
muitos artigos de critica litteraria, publicados em
diversas folhas, com relação a varios livros anti-
gos e modernos, conta, como se vê, já quatro vo-
lumes, correspondentes aos quatro volumes con-
cluidos.

A MADEIRA E AS CANARIAS, por João Augusto
de Ornellas, socio correspondente do Instituto de
Coimbra, etc., etc. *Madeira, typographia do
Direito*, 1884. 4.º de 28 paginas. Se ha coisa que
mereça as atenções de todo o homem de coração,
é ver que qualquer escriptor solta um brado a fa-
vor da sua terra natural, e quando esse brado não
tem só por effeito chamar a attenção publica
para o berço onde se nasceu, mas para uma ne-
cessidade d'elle, que é ao mesmo tempo, um bem
real e positivo para toda a nação, todos devem
ouvir esse brado. Infelizmente a malfada da poli-
tica entra em tudo e domina tudo, e por isso não
admira, que se posterguem verdadeiras medidas
administrativas e economicas, e se attenda só a
um ou outro fim politico.

A Madeira, que vê fugir-lhe a preponderancia
que a sua posição maritima lhe dá entre outras
ilhas e plagas do Atlantico, porque as Canarias
vigilantes e largamente protegidas pelo seu illus-

trado governo, vão tornando os seus portos, de-
positos de tudo quanto carecem os vapores das
carreiras de Africa, não pôde ficar silenciosa e
apella para o patriotismo portuguez, e para a ac-
tividade e bom senso dos governos de Portugal,
afim de que a dotem dos meios necessarios, para
não perder as vantagens que lhes proporciona a
sua posição. Bom é não esperar tudo dos gover-
nos, e seguir sempre o conselho: faz tu da tua
parte que eu te ajudarei. Lance a Madeira alguma
pedra no edificio, que o governo ha de ver-se
obrigado a auxiliar-a.

LOGOGRIPO

Aqui vêdes um appellido — 3, 5, 9, 7.
D'esta antiga auctoridade; — 4, 6, 2, 1.
Podem n'estas ver trabalho, — 1, 2, 8, 7.
Ou então uma cidade, — 1, 9, 2, 5, 2, 7.
Todos querem o conceito,
E lhe tem muita amizade.

Explicação da charada do n.º antecedente:
Desmembrado.

ERRATA. — A explicação da charada do n.º 185
é *Lanterna*, em vez de *Lobriço*, que sahio por
engano.

Reservados todos os direitos de propriedade
litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA

CAPAS PARA ENCADENAÇÃO DO OCCIDENTE

Já estão promptas e á venda capas para enca-
denação do 6.º volume.

Tambem ha capas para os volumes 1.º, 2.º, 3.º,
4.º e 5.º

Preço, 800 réis (franco de porte)

A Empresa encarrega-se de fazer encaderna-
ções n'estas capas por 17200 réis, incluindo a
capa.

GABINETE DE LEITURA ROMANCES ILLUSTRADOS DE TODAS AS NAÇÕES

SEMANARIO DAS FAMILIAS

50 RÉIS — CADA SEMANA — 50 RÉIS
Em Lisboa e nas Provincias

Este semanario publica romances escolhidos nacionaes e traduzidos de todas as litteraturas co-
nhecidas.

TRADUCCÕES DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Illustrações de Manuel de Macedo

Recebem-se assignaturas em casa dos editores Caetano Alberto & Faro, Rua Oriental do Passeio,
8 a 20, e na EMPRESA DO OCCIDENTE, Rua das Chagas, 42.

Para as provincias podem-se fazer assignaturas por séries de 13 numeros — 650 réis.

